



Revista Historia de la Educación
Latinoamericana

ISSN: 0122-7238

rhela@uptc.edu.co

Universidad Pedagógica y Tecnológica de
Colombia
Colombia

Romão, José Eustáquio
O Professor Universitário Como Educador: Paulo Freire
Revista Historia de la Educación Latinoamericana, núm. 10, 2008, pp. 139-144
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia
Boyacá, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86901009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO COMO EDUCADOR

PAULO FREIRE^{*}

NO MOMENTO EM QUE O HOMEM, discernindo o tempo, conseguiu «atravessá-lo», jogando para um passado até então incorporado a seu presente quase eterno, grande parte das forças mágicas, atuantes, que o comandavam, deu um passo decisivo na história da cultura. Iniciou-se aí, em termos de ensaios tímidos, a sua individualização. E enraizou-se nesta, a sua atividade docente.

Esta atividade docente, de que jamais se afastou é um dado de sua própria existência. Ela está essencialmente ligada à sua qualidade espiritual, que o faz um ser capaz de discernir e transcender. Que o faz capaz de relações com o seu mundo, de que decorre o acrescentamento que lhe traz.

E este acrescentamento, manifestação de seu espírito criador, de sua possibilidade de inventar e reinventar, que o leva a projetar-se num domínio exclusivamente seu – o da História e o da Cultura.

Aí é que ele se distingue precisamente do outro animal, que na verdade nada acrescenta a seu mundo. É que o outro animal «está apenas no mundo» e não «com o mundo».

Daí que os seus contatos com o mundo não sejam propriamente *relações*, que implicam em incorporações conscientes, em respostas plurais. Em integração e não apenas em acomodação ou simples ajustamento.

Não importa aqui discutirmos as variações que no tempo e no espaço, a partir daqueles ensaios primitivos da atividade docente, tenha ela apresentado. O que nos importa nestas considerações preliminares é sublinhar a atitude

^{*} Texto inédito del Professor Paulo Freire sin fecha, aportado por Dr. José Eustaquio Romão quien es Director-Presidente del Instituto Paulo Freire en São Paulo, Brasil, y profesor de la Maestría en Educación de la Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Agradecemos el aporte documental, el cual tiene un valor histórico para los estudiosos de Paulo Freire y su papel en la educación latinoamericana.

puramente humana desta atividade. É seu empenho em preservar e transmitir a experiência criadora do homem – seu acrescentamento ao mundo. Na medida, porém, em que esta experiência criadora do homem é transmitida sistematicamente, deve este esforço de transmissão precisamente porque o humano e portanto espiritual, ser também formador e não simples e puramente informador ou catalogador.

Toda vez que a atividade docente se tem perdido em formalismo tem comprometido a essência mesma da comunicação humana. Na verdade, a atividade docente há de ser, sob pena de trair a «abertura» ontológica do homem, eminentemente comunicativa. Se perde o sentido de comunicação e se reduz a comunicados¹, perde igualmente a atividade docente a significação formadora que a natureza humana lhe reclama. Contradiz a força espiritualmente criadora do homem, que o distingue totalmente do outro animal. A atividade docente que não comunique e que não seja em si mesma uma forma também criadora e recriadora tende a estagnar-se pela sua inautenticidade.

Pode parecer, a partir destas considerações, uma contradição o título do artigo que ensaiamos escrever. Na verdade, ao se falar de atividade docente, seja ela do professor universitário – o que é o nosso caso – do médio ou do primário, estará implícito a sua ação educadora. Isto é o que se surpreende da análise da essência desta atividade. Determinadas condições históricas, econômicas, culturais de modo geral, em tempos e espaços diversos têm comprometido a essência formadora desta atividade e têm por isso mesmo, reduzido a procedimentos agressivamente formais.

Esta e outras manifestações do agir humano não podem por isso mesmo ser vistas sem uma análise das condições consubstanciadas no clima cultural próprio em que se realizam. Daí a necessidade – a urgência mesma – da análise de algumas destas condições no hoje brasileiro, ao discutirmos o papel do professor universitário como educador.

Hoje, mais do que ontem, a sociedade brasileira reclama de seu professor universitário sua identificação com o educador.

¹ «Sem diálogo, forma autêntica de «comunicação», não há criticidade, fundamento da «integração». É na comunicação que se exercita a própria criticidade. (Jasper). A comunicação que venha da razão, e não provoque razão é mero «comunicado», imposto ou doado. É domesticação. Por isso é que a comunicação só é verdadeira quando há interação dos pólos que se «simpatizam» através do objeto da comunicação. Aí existe racionalidade e o homem não se domestica. Na compulsão, ditado – ou na simples doação, inexistente a interação. Um dos pólos se apropria do objeto da comunicação e, negando possibilidade ao outro para seu «tratamento» deixa-o passivo e «acomodado». Domesticado. No «ditado» ou na doação de que resulta o comunicado – se estimula a irracionalidade. A acomodação. No diálogo, a racionalidade, com que o homem se humaniza». FREIRE, Paulo. *Escola primária para o Brasil*. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Vol. XXXI, n° 82, 1961, pág. 17.

O professor se faz educador autêntico na medida em que é fiel a seu tempo e a seu espaço. Sem esta fidelidade, mesmo bem intencionado, se compromete sua atividade formadora. É que não pode haver formação do educando se o conteúdo da formação não se identifica com o clima geral do contexto a que se aplica. Seria antes uma deformação.

Isto nos leva à discussão dos contrastes entre valores de certa cultura e valores essencialmente humanos – universais. Como toda antinomia educativa, esta não é inconciliável. Não se verificou esta conciliação com o transplante feito pelos jesuítas de uma educação que, na Europa, respondia aos desafios de uma sociedade post-renascentista, para uma sociedade como a nossa de então, escravocrata, latifundiária, sem classe média, sem vida, sem vida urbana, sem diálogo.

Somos uma sociedade que, transitando aceleradamente de forma «fechada» para forma «aberta» apresenta um jogo de contradições. Estas contradições se aprofundam na medida em que a sociedade brasileira, captando novos temas, equacionando problemas, tentando a sua solução, vai buscando a superação dos temas passados. Vivemos exatamente a passagem de uma época para outra. Assistimos, às vezes atônitos e ingênuos, ao choque de que participamos também, entre o «velho» que pretende preservar-se e o «novo» em luta por se afirmar. Daí a existência, no hoje da passagem, de algo que, estando *nela* não é propriamente *dela* e por isso não se adequa a seus temas, ao lado de algo que não está apenas na passagem, mas é *dela* e por isso adequado a seus temas.

Esta adequação ou inadequação aos temas implica necessariamente numa integração ou numa não-integração com os anseios naturais e próprios da época. Numa posição orgânica ou inorgânica. Numa fidelidade ou infidelidade à época.

Uma das notas fundamentais da sociedade brasileira que transita é exatamente a democratização fundamental em que nos inserimos.

Com ela, a emersão do povo na vida política nacional. A tomada de consciência de nossos mais agudos problemas. Nela e ao lado dela, nossa desalienação cultural – a nossa ânsia de vermos a nós próprios, de nos conhecermos, de assumirmos o papel de «sujeito de nossos pensamentos», a renúncia a posição de objeto.

E é exatamente esta democratização fundamental que abrindo-se em leque, leva a sociedade que dela se nutre, à democratização política, à social, à econômica e à cultural.

Não há porém democratização fundamental que, instalando-se em sociedade fechada, ponto de partida de trânsito ou da passagem de uma época para outra, que não ponha em relevo posições inatuais pela sua inadequacidade com os novos anseios. Por outro lado, é a própria democratização, que se inicia em aprendizado, que exige a ênfase de uma educação para a responsabilidade social e política. O processo de democratização repele como inorgânica toda educação assistencializadora. Toda educação que não seja essencial e humildemente dialógica, pois, somente esta, enraizando-se numa matriz racional e gerando razão responde à essência da democratização. Não que o diálogo democrático, nascente da razão e gerador de razão, somente com o qual exercitamos a nossa capacidade decisória, deva converter-se numa forma anti-espiritual de negação da fé. «Minha insistência em que nós é que fazemos as decisões e carregamos a responsabilidade, diz Popper que não possamos ou devamos ser auxiliados pela fé ou inspirados pela tradição ou pelos grandes exemplos»².

«O que chamo de verdadeiro, continua, é o racionalismo de Sócrates. É a consciência das próprias limitações, a modéstia intelectual dos que sabem quantas vezes erram e quanto dependem dos outros, até para esse conhecimento»³.

O professor de quem a sociedade brasileira precisa no hoje de seu trânsito há de ser aquele que jamais se deleite com sua «sabedoria», às vezes inautenticamente livresca, apresentada em aulas que funcionam quase como se fossem cantigas de ninar. O seu papel há de ser outro. E não há tempo a perder numa opção a ser feita: ou se insere criticamente no trânsito de sua sociedade e se faz um mestre do momento, ou permanece ingênuo, como professor no momento. Ou adere ao diálogo criador e comunica ou se minimiza como simples veículo de ingênuos e inoperantes comunicados. Ou se julga humildemente um companheiro de seu estudante, a quem ajuda a ajudar-se na busca de conhecimento, com quem também busca esse conhecimento ou corre o risco de seu esvaziamento. Um professor no momento, raramente sai do óbvio e se arrisca numa aventura intelectual. Teme o novo. Escleroza-se em temas e estilos superados. Assusta-se com a rebeldia do jovem, em que vê sistematicamente a desordem. Sua insistência em viver apenas no momento sem se integrar nele e se fazer dele, não o permite perceber os fundamentos desta rebeldia. Rebeldia que antes devia aparecer-lhe como um desafio a exigir-lhe resposta adequada. Resposta formadora, resultante da análise da própria rebeldia, a ser feita por ele e seus alunos. No momento mesmo em que se iniciasse esta análise se começaria a conscientização do problema e se marcharia para a sua exata compreensão.

² POPPER, Karl. *A sociedade democrática e seus inimigos*. Itatiaia, Belo Horizonte, pág.82.

³ Idem, pág. 450.

Mais uma vez, caímos na única atitude, para nós legítima do professor que seja um mestre do momento nacional: a do diálogo, a da criticidade. Seria talvez óbvio falar-se do perigo que corremos numa sociedade desalienada, por isso mesmo em busca de criações autênticas, de nos assustarmos com elaboração criadora que, rompendo a rotina, alimente uma sã «aventura do espírito».

Um professor universitário que não corra esse risco ou que assuste com quem o corra «está fadado a morrer de frio», pois, somente no exercício de sua atividade espiritualmente criadora e recriadora pode o homem aquecer-se e sobreviver intelectualmente. As universidades brasileiras cumprirão sua fundamental missão na medida em que seus professores nos integremos às novas condições do país e nos tornemos na verdade o que devemos ser: educadores e não transmissores de comunicados.

Se cabe à universidade a formação de elites, estas têm de estar em consonância com o seu momento. Têm de ser formadas com a suficiente capacidade de crítica de que resulte a possibilidade de reconhecimento do que há de autêntico e inautêntico, de valor e desvalor no jogo das contradições profundas que caracterizam a nossa atualidade. Não será então com a mera transferência de fórmulas passadas, com a insistência em doações intelectuais, que prepararemos uma juventude que é «do trânsito». Mas, com a formação de atitudes adequadas ao «otimismo crítico» de uma sociedade desalienada, de que decorre uma nota de esperança fundada no conhecimento crítico das situações dramaticamente problemáticas.

A formação e o exercício desta atitude estão a exigir que se encontre no professor universitário o educador lúcido, responsável e humilde, de quem precisamos hoje mais do que nunca. Estão a exigir da Universidade uma crescente e corajosa abertura a seu mundo para que se faça uma instituição autêntica de seu tempo. Para que, preocupando-se real e verdadeiramente com o universal, não se sinta em contradição ao se preocupar com o local regional. Não somos pessimistas quanto à generalização do professor educador na universidade brasileira. Quanto à preponderância de professores «do trânsito». A Universidade de Brasília é um testemunho.

A Revista *Estudos Universitários*, para que escrevemos este artigo, pela sua abertura ao diálogo, pela sua linha de integração ao novo clima cultural do país, pelas suas formulações, constitui, ao lado de outros exemplos, uma busca de autêntico em que se empenha a Universidade do Recife.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. (1961): «Escola primária para o Brasil». In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Vol. XXXI, nº 82. Brasília - DF Brasil.

POPPER, Karl. (1959): *A sociedade democrática e seus inimigos*. Itatiaia, Belo Horizonte.

FREIRE, Paulo. (2008): «O professor universitário como educador», en *Revista Historia de la Educación Latinoamericana* No.10, Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, RUDECOLOMBIA, pp. 139-144